



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(RE)PENSANDO O SABER PEDAGÓGICO: PROBLEMATIZAÇÕES EM TORNO DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Josenildo Sacramento (1); Roberto Belo (2)

(1 - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: protheus29@gmail.com; 2 - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: professor.robertobelo@gmail.com)

RESUMO: O presente trabalho tem por finalidade promover discussões sobre a Filosofia da Educação, tendo em vista que essa temática tem chegado às escolas nesses últimos anos através de disciplina específica. Pretendemos problematizar as diferentes interações que o ensino de filosofia pode proporcionar ao educando no ambiente socioeducativo, sabendo que, com o advento da pedagogia, e, de toda uma problemática em relação ao contexto da sociedade para a sua aplicabilidade. Acreditamos que a filosofia é, sim, uma das possibilidades para se entender a vida. Primeiramente, tentaremos tratar da relação histórica e “evolucionista” da pedagogia; da origem morfológica do próprio termo, o seu desenvolvimento no decorrer dos anos e sua decadência, como rico propulsor da educação. Relataremos como a filosofia entrou em cena, como a pedagogia se entrelaça com ela e como, juntas, colaboram para a formação intelectual de alunos e professores desde a antiguidade. Para conseguirmos desenvolver essa discussão que envolve o processo de construção do conhecimento, utilizaremos antecedentes históricos, desde a antiguidade, passando pela Idade Média, pela Idade Moderna até os dias atuais.

Palavras-chave: filosofia da educação, paideia, pedagogia, ensino-aprendizagem.

Há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade. (SANTO AGOSTINHO)

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, vê-se um deslocar dos instrumentos conteudísticos relacionados à educação, sendo os conceitos revistos e problematizados a cada momento por diversos teóricos. É interessante que o estudante e o profissional da educação, diante dessas discussões epistemológicas, apreendam o lugar (ou o não-lugar) do fazer educação. Muitas são as perguntas que giram entorno do processo educacional atual, porém, essas respostas não podem ser apreendidas sem uma análise específica das técnicas existentes. Hoje possuímos diversas teorias que buscam dar à educação o privilégio de se tornar universal, embora reconheçamos que, em questões básicas, educação é fundamental para a vivência do indivíduo, e direito inegociável; mas, o maior trunfo dessa batalha só pode ser alcançado por intermédio de um sistema que não busque a formação de sujeitos críticos.

Na antiguidade, a filosofia foi o primeiro e mais valoroso mecanismo que um homem poderia ter em seu íntimo para alcançar a sabedoria. Os gregos não se preocupavam em preencher



planos curriculares para manter a observância de um sistema governamental; havia um apreço pela busca do conhecimento como tal. Dessa verdadeira corrida em busca da sabedoria, houve a proliferação de várias doutrinas e métodos que promoviam uma completa abertura do saber. Dessas promoções rumo à sapiência, nasce a pedagogia com todos os seus aparatos e relances epistemológicos, entretanto, o passar dos anos fizeram tanto a filosofia quanto a pedagogia perder seu objeto último, criar seres capazes de modificar consideravelmente a realidade do mundo.

O que pretendemos abordar neste artigo é a história e o desenvolvimento da filosofia junto a pedagogia no que remete ao seu processo evolutivo e capacitador intelectual, bem como abordar alguns métodos de formação do homem, sendo um deles a Maiêutica. Não nos limitaremos apenas a esses aspectos, mas estaremos também relacionando a filosofia à pedagogia, como conceitos e problemas educacionais da contemporaneidade para tentarmos encontrar uma hipótese em resposta aos dilemas que abarcam os processos de instrução e formação de indivíduos.

DESENVOLVIMENTO

A palavra *pedagogia* deriva-se do termo grego *pedagogo* que quer dizem *escravo*, isto é, naquele contexto, tratava-se de um escravo que se encarregava de instruir a criança em seu desenvolver educacional e de acompanhá-la nos momentos de lazer ou cerimônias formais. Com o passar do tempo, o termo pedagogia sofreu diversas mudanças significativas, somando a ele não apenas a perspectiva educacional, mas, também, tornou-se sinônimo de um ciclo objetivo de aprendizagem por toda vida do ser humano. A pedagogia não se limitou apenas às mudanças que aconteceram na Grécia, todavia, estendeu-se significativamente.

No século XIV, mais precisamente na França e Alemanha, o substantivo pedagogia ganhou um status mais abrangente, o que lhe fez ser agregado a outros significados, como termo diretamente ligado a analógica referência didático-educativa. Com a modernização da pedagogia surgiram também ligações peculiares que assimilaram educação ao conceito de pedagogia, porém sabemos que esses novos termos são completamente diferentes da problemática que envolve a pedagogia. Como podemos diferenciar esses dois termos significativos?

EDUCAÇÃO

“A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. [...] é uma fração



da experiência endoculturativa. Ela aparece sempre que há relações entre pessoas e intenções de ensinar-e-aprender” (BRANDÃO, 1981)

Quando falamos que a educação é a forma pelo qual temos contato com a aprendizagem cometemos um grande erro. A educação começa desde o primeiro sopro de vida do ser humano e, como o passar do tempo, ela evolui para uma condição sistemática de conhecimentos científicos que o homem mantém contato por toda sua construção intelectual.

Em resumo, a educação não se concentra apenas nas mãos dos educadores e professores. O homem tem a aptidão de aprender na escola, mas ele pode aprender com a família, com os amigos, com pessoas que ele considera significativas, como os meios de comunicação em massa, enfim o ser humano pode ser envolvido pela educação de diversas maneiras. A grande diferença entre a educação formal e a educação encontrada em escolas e universidades é que nas instituições de ensino há sistematização da educação para absorção progressiva dos indivíduos.

Segundo Emile Durkheim:

A educação é a ação exercida, junto às crianças, pelos pais e mestres. É permanente, de todos os instantes, geral. Não há período na vida social, não há mesmo, por assim dizer, momento no dia em que as novas gerações não estejam em contato com o seus maiores e, em que, por conseguinte, não recebam a influência educativa. (DURKHEIM, 1978, p. 57.)

PEDAGOGIA

Além da definição que já foram descritas anteriormente, podemos descrever a definição filosófica da pedagogia e suas teorias por Emile Durkheim, considerado pai da pedagogia moderna.

As teorias chamadas pedagógicas são especulações de gênero muito diverso. Seu objetivo não é o de descrever ou explicar o que é ou o que tem sido, mas de determinar o que deve ser. Não estão orientadas nem para o presente nem o passado, mas para o futuro. Não se propõem a exprimir fielmente certas realidades, mas a expor preceitos de condutas. Elas não nos dizem: “eis o que existe e por que existe”. Mas eis o que será preciso para fazer. (DURKHEIM, 1978, p. 64.)

Em caráter mais técnico, educação é um processo, e pedagogia é a ciência que a estuda. A pedagogia se prende ao estudo científico e específico da educação, de suas teorias, de seus aspectos filosóficos, científicos e técnicos. Para isso, ela dispõe de aspectos teóricos, doutrinários que lhe fazem ter uma considerável influência no processo educativo quando este é um puro retrato da práxis¹.

¹ A palavra práxis – do grego antigo πράξις – que segundo a Prof.^a Lílian do Valle “é um termo usado pelos gregos para dizer a ação; sobre um forte e complexo eixo conceitual vindo dos padrões morais do tratado ético aristotélico, Ética a Nicômaco, sua utilização manteve-se em ligação às utilidades últimas das ações humanas”.



Conforme se passaram os anos, a pedagogia passou a ter um valor significativo considerável, pois ela passou a ser considerada como um conjunto de regras e prescrições que envolvem diversas políticas, tais como religiosas e morais. Mediante a isso, ela passou a submeter-se não apenas a uma postura filosófica, mas também literária. Não podemos esquecer que a pedagogia, mais precisamente em meados do século XIX, teve sua envolvente disputa por território no mundo ocidental, dividindo atenção com a filosofia da educação e as ciências como um todo. Hoje, na era contemporânea, ela perdeu um pouco a sua identidade. Como consequência, ela não é mais um fator que reúna fortemente os conceitos agregadores de saberes geral. Ela passou a dividir relações particulares com a filosofia da educação, ciência esta que ganhou espaço na cena cotidiana do mundo moderno. Podemos fazer uma breve síntese da diferença entre a pedagogia e a filosofia da educação, pontuando teoricamente suas correntes filosóficas e seus métodos de estudo.

A natureza física da pedagogia está puramente relacionada, tanto ao que podemos entender por educação quanto ao que compreendemos por saber científico ou filosófico². Não devemos nos admirar da acepção da pedagogia em relação com a filosofia se, como se diz, a primeira consiste numa reflexão sobre a educação ou num projeto para a mesma.

A pedagogia consiste em uma concepção de vida, explícita ou implícita, que envolve os mais diferentes elementos distintos. Podemos citar os critérios de escolhas, convicções religiosas, as maneiras de desvendar fenômenos naturais, as relações com interações semelhantes, o comportamento com relações aos desafetos, o hábito de certas cerimônias sociais, etc.

Portanto, a pedagogia se mostra como uma ponte consciente; como uma teoria de um determinado projeto educacional, no âmbito geral de uma doutrina ou reflexão filosófica, para guiar os educandos à vida de uma determinada sociedade ou comunidade. Ela se apresenta como um momento ou como consequência aplicada do saber filosófico.

Por outro lado, a filosofia da educação se encarrega de avaliar analiticamente as indicações que a pedagogia geral fornece acerca das opções educativas a adotar, os objetivos a perseguir, os meios lícitos a aplicar na iniciação do contexto teórico, o parecer epistemológico e as linguagens próprias da pesquisa pedagógica, mas também para avaliar ou dirigir as inúmeras ciências da educação.

² Segundo Aristóteles: “Julgamos conhecer cientificamente cada coisa, de modo absoluto e não, à maneira sofisticada, por acidente, quando julgamos conhecer a causa pela qual a coisa é, que ela é a sua causa e que não pode essa coisa ser de outra maneira. Uma vez que é impossível ser de outra maneira aquilo de que há ciência, em sentido absoluto, será necessário o que é conhecido segundo a ciência demonstrativa.”. Tal perspectiva se faz inexorável para estabelecermos um entendimento entre o que almejamos conhecer e o que atinamos ser a causa própria que determine porque tal fato decorreu. Segundo o Filósofo de Estagira a apreensão do conhecimento científico por intermédio da apropriação do silogismo científico ou demonstrativo.



Em simples palavras, a filosofia da educação³ é o saber especulativo, sistematizado, universal e derradeiro da educação, dos processos de instrução, personalização e socialização. Ela possui funções interpretativas, críticas e analíticas da educação.

SOBRE OS PROBLEMAS FILOSÓFICOS E PEGAGÓGICOS

Não é perigoso dizer que a pedagogia está diretamente ligada à filosofia, pois, em todo decorrer da história, a pedagogia procura desvendar os problemas filosóficos para adaptar a educação ao nível contextual entendível a sociedade em questão. A pedagogia busca na filosofia um parâmetro que fortaleça o conteúdo educacional. Se isso não o fosse, certamente não seria possível chegar a uma firme construção pedagógica. Sem sombra de dúvida todo parecer filosófico carrega consigo, tanto implícito quanto explicitamente, uma força doutrinária pedagógica e, inversamente que toda pedagogia sempre tem empenho para realizar uma visão esquemática de uma determinada concepção do mundo e da vida.

Qual é o problema filosófico?

Encontrar uma concepção unitária de mundo, um sentido integral da vida e uma imagem do homem a partir da superação das intuições espontâneas com elaborações reflexivas. (CESCON & NODARI, 2009, p13.)

Qual é o problema Pedagógico?

É a realização concreta das normas, ideias e convicções formuladas pela filosofia. A filosofia é sempre uma tentativa de unidade. (CESCON & NODARI, 2009, p13.)

Todo percurso tomado pela pedagogia foi desbravado por ideias e convicções filosóficas, nunca por parâmetros pedagógicos, isto é, para compreender a potencialidade e dialética do problema atual da educação é preciso investigar a condição filosófica atual. Essa condição é de caráter *sine qua non*. Será preciso detectar cada redação filosófica e pedagógica existentes em cada problema, para chegar a um parecer favorável para o uso da combinação das duas ciências.

A FILOSOFIA E A APRENDIZAGEM

³ Cipriano Carlos Luckesi nos passa uma ideia mais profunda sobre os fundamentos e o objeto de estudo analisado pela Filosofia da Educação. Em seu livro Filosofia da Educação, o pesquisador trata do problema filosófico que envolve a educação na sociedade. Essa questão nos faz refletir sobre qual objetivo a educação está fundamentada: uma política redentora, manipuladora ou transformadora da sociedade. Ver LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação / Cipriano Carlos Luckesi. – São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).



Nas relações que envolvem pedagogia e filosofia, é de grande importância informar que existem dois aspectos no processo de ensino e aprendizagem. Mas, antes de falarmos sobre eles, iremos explicar, em termos técnicos, o que se trata de aprendizagem:

APRENDIZAGEM

Assim para aprender conceitos, generalizações, conhecimentos, a criança deve formar ações mentais adequadas. Isso pressupõe que essas ações se organizam ativamente. Inicialmente, assumem a forma de ações externas que os adultos formam na criança e só depois se transformam em ações mentais internalizadas (LEONTIEV, A., 1978).

A aprendizagem é um conjunto de processos por meio do qual o ser humano se apodera ativamente do conteúdo da experiência humana, de tudo que seu grupo ou contexto social conhece. Em geral, para que o homem aprenda e interaja com o meio, ele precisa se relacionar com outros seres humanos.

Depois de sabermos o que é aprendizagem, voltemos a explicar os dois aspectos que caracterizam o processo de ensino e aprendizagem. O primeiro processo diz respeito ao que poderíamos chamar de aquisição de conhecimento e o outro, bastante diferente, é o processo de formação do pensamento. Quando adquirimos conhecimentos, entramos num processo de memorização do pensamento e de toda investigação do mesmo.

Podemos dizer que quase 100% do que é chamado de educação consiste em transmitir informações construídas pelos outros. Essa teoria nos leva a um alarmante resultado: a criação de especialistas defensores de conhecimentos propriamente dominantes. Essa situação acrítica traz um perigo preocupante, que é a própria filosofia, pois pensar é um processo bem diferente de aprender filosofia; seguir uma medida filosófica, desentranhar o significado, o benefício ou o prejuízo que era por detrás de um determinado conhecimento. Especificamente não é só saber, mas saber que sabemos saber o que significa para nós e para os que nos rodeiam tudo aquilo que sabemos, a fim de convertê-lo em vida.

SOBRE O ENSINO À VIDA INTELECTUAL

Ensinar a pensar não é impor o nosso pensamento a outra pessoa, nem o nosso método de pensar. O filósofo não pode obrigar seus discípulos a acreditar na sua maneira de encontrar o pensamento, o seu método filosófico. Ensinar a pensar não é implantar uma verdade incontestável do que eu penso, mas sim deixar ciente o que nós pensamos para que o aluno formule, tire proveito



da melhor maneira que essas ideias se apresentem para si. Essa é a real obrigação do pedagogo/filósofo.

O que o pedagogo pode e deve é estimular seus alunos a pensarem por si mesmos. Toda ideia tem um significado diferente para cada pessoa, pois se absorve de forma peculiar a cada um, devido a sua cultura, sua individualidade e entre outros fatores. É possível compartilhar ideias respeitando a diferença do pensamento de cada indivíduo, tendo em vista que somos diversos por natureza. Se por acaso o pedagogo acreditar que seu aluno esteja no erro, usando um pensamento, um método equivocado, ele deve fazer o aprendiz refletir sobre isto, mas nunca impor seu pensamento como o único verdadeiro.

SOBRE O PENSAMENTO CRÍTICO

Para se ter uma atitude filosófica, é necessária a presença de um pensamento crítico. Nem todos os pensamentos se originam na leitura, mas a maioria deles tem sua origem com base em algum texto, por isso toda leitura deve ser crítica. Na Crítica da Faculdade do juízo de Immanuel Kant, ele expõe três casos para ter uma leitura crítica:

- 1- Pensar por si mesmo;
- 2- Pensar no lugar do outro;
- 3- Ser conseqüente.

Em uma formação filosófica, essas três condições são indispensáveis para a verdadeira crítica, o ensinar a pensar, que é algo bem diferente do espírito criticador, que costuma destruir o pensamento d'outro, por que não é crítica, por melhor que seja o raciocínio, pois não visa algo positivo, não cria alternativas, nem soluções, não cria nada que se possa ensinar a outro.

SOBRE A EDUCAÇÃO EMANCIPADA E A FILOSOFIA

Aristóteles defende que a educação é fundamental para desenvolver aquela, que segundo ele, é considerada a mais importante das ciências, justamente porque tem por objeto o bem-estar comum, ou seja, a *Política*.

Na visão socrática a educação pode-se chamar de maiêutica que tem o significado "Dar a luz (Parto)"⁴ intelectual, da procura da verdade no interior do ser humano. Sócrates conduzia este parto

⁴ Ora nos diz Sócrates: "Minha mãe não irá criar o bebê, apenas ajudá-lo-á a nascer e tentará diminuir a dor do parto. Ao mesmo tempo, se ela não tirar o bebê, logo ele irá morrer, e igualmente a mãe morrerá! [...] O conhecimento está



em dois momentos: No primeiro, ele levava os seus discípulos ou interlocutores a duvidar de seu próprio conhecimento a respeito de um determinado assunto; no segundo, Sócrates os levava a conceber, de si mesmos, uma nova ideia, uma nova opinião sobre o assunto em questão.

Por meio de questões simples, inseridas dentro de um contexto determinado, a Maiêutica dá à luz ideias complexas; ela baseia-se na ideia de que o conhecimento é latente na mente de todo ser humano, podendo ser encontrado pelas respostas a perguntas propostas de forma perspicaz.

O ideal de formação educacional para o grego estava ligada a ideia grega de Paideia, que procurava desenvolver o homem em todas as suas potencialidades, de tal maneira que pudesse ser um melhor cidadão.

Os gregos chegaram ao apogeu simplesmente por que aprenderam a “pensar”. A filosofia grega tem por base seu desenvolvimento no questionamento da validade do pensamento mítico. Não se aceitava mais a transmissão do conhecimento sem questioná-lo. O pensamento filosófico grego buscava a explicação, de forma racional, de como surgiu universo. E neste dinamismo de busca foram se desenvolvendo a matemática, física, astronomia e as outras ciências. Não é à toa que todas as ciências a chamam de mãe.

A filosofia é a arte do questionar, do produzir de forma dinâmica o conhecimento. É neste sentido que a educação não pode caminhar separada do pensar filosófico. É um elo que vive desde a antiguidade com Sócrates. O Homem sempre buscou o melhor para si e para a realidade. Nesta busca, rumo a sabedoria, o pensamento foi útil. O aluno está na fase de formação, é aquilo que Aristóteles⁵ diz: “o ser humano ao nascer é como um rio sem leito, que não sabe para onde vai e que a educação, ao longo do seu amadurecimento, deve guiar”. Já que o indivíduo vive numa realidade de pensamento, a Filosofia é indispensável para sua busca. A Filosofia leva o aluno à oportunidade de desenvolver um pensamento independente e crítico, ou seja, permite a ele experimentar um pensar individual.

Hoje temos uma vastidão de materiais como: livros, vídeos, internet, televisão, rádio... Nos tempos antigos, na era de Pitágoras, Homero, Sócrates não era através de livros, palestras ou outros meios que se educava um indivíduo e sim, apenas pelo dialogar.

dentro das pessoas (que são capazes de aprender por si mesmas). Porém, eu posso ajudar no nascimento deste conhecimento.”. Por conseqüências dessas palavras os ensinamentos socráticos ficaram conhecidos por Maiêutica, do grego *μαία*.

⁵ A máxima busca da sabedoria encontra-se expressa no Livro Alfa da Metáfisica de Aristóteles, onde está escrito “Todos os Homens, por natureza, desejam conhecer”, do grego *παντες ανθρωποι του ειδειναι ορεγονται φυσει*. Na íntegra, o termo “homem” não refere-se unicamente ao gênero masculino, pelo contrário, engloba todos os entes universalmente. A ideia remetida pela palavra “desejam”, para melhor entendimento, indica o sentido de “mergulhar, inclinar-se, lançar-se”. É intrínseco ao ente, por natureza, deleitar-se em busca da sapiência.



No campo da educação não basta apenas passar o conteúdo para o aluno, é necessário que ele saiba o porquê do que está aprendendo. A filosofia é o exercício do pensar, de buscar a verdade, ou etimologicamente falando, “amigo da sabedoria”, ela é necessária para a Educação. Se o modo de explorar a realidade desde a antiguidade foi pelo meio da reflexão, do pensamento, hoje não é diferente.

Uma educação sem filosofia pode significar uma alienação. Não tem nada a ver com guiar alguém para desenvolver suas potencialidades. É uma produção de “maquinas” para servi os interesses dos sistemas políticos, que não visam o cidadão nem muito menos a sociedade, pelo contrário, o cidadão e a sociedade são preparados através da inculcação a servi sem muitos questionamentos a eles.

O pensamento filosófico torna a pessoa crítica do meio, liberta o indivíduo das manipulações e o condiciona a liberdade intelectual. O professor que ensina filosoficamente, como diz o Dr. Everaldo Cescon (2009): “Faz com que cada um dos alunos possa demonstrar o que aprendeu e tenha plena segurança no que afirma e no que rejeita, porque brota de uma profunda reflexão”.

Educação sem filosofia é um aluno que reproduz o que não aprendeu. Passará no vestibular, se formará em um curso superior, será bem sucedido na vida. Mas é um escravo dos sistemas políticos e incapaz de influenciar a sociedade.

Hoje, o papel da Filosofia é o mesmo desde o tempo de Platão. Levantar questionamentos, procurar a razão, buscar a verdade e se abster do próprio ponto de vista para aceitar a realidade que nos cerca.

SOBRE A FORMAÇÃO DE PENSADORES

No contexto contemporâneo nos deparamos com uma infinidade de instituições educacionais que tem se empenhado a formar homens, mas não com a real contextualização do saber. Hoje, as universidades se empenham em formar máquinas especializadas em algo comum para a sociedade e deixam de lado toda teoria que faz do homem um pensador. Tem se visto uma separação bruta do pensamento da crítica. O que realmente é louvável para essa pratica é formar o desenvolvimento científico tecnológico e principalmente econômico do País. Cresce cada vez mais o número de técnicos e deixam de lado a probabilidade de se formar pensadores.

O caminho deveria ser diferente; deveríamos formar um conceito que proporcione ao homem um livre acesso ao saber, criando assim um conjunto de inúmeras probabilidades que



deixariam de lado os limites técnicos para proporcionar a abertura de parâmetros que ultrapassem barreiras que cada disciplina levantar. Na era greco-romana, os filósofos de grande expressão buscavam de todas as formas uma vitória permanente sobre a opinião que era imposta pelos governantes e manipuladores da época. Para esses filósofos, o importante era buscar meios que formassem pensadores para desenvolver uma liberdade dentro da sociedade.

Podemos citar como grande exemplo dessa afirmação o próprio Sócrates que defendeu a tese da dedicação à busca do saber; que instigava o ser humano a procurar consistentemente a razão das coisas e causas. Depois, Sócrates deixou seu legado que foi seguido por outros como Platão e Aristóteles. Atualmente nos conformamos com as condições negativas desse processo de formação de especialistas ao invés de pensadores. Alguns autores apontam que ao invés de nos conformarmos com esse processo, deveríamos começar a construir pontes sobre esses “pântanos” que separam as universidades, ou seja, encerrar as convicções arcaicas que existem e fazer com que as faculdades se unam em prol do desenvolvimento do saber.

O processo educativo deve formar pensadores. Humanos que conheçam o contexto e a realidade de seu País, de seu tempo, de seu mundo; que a conheçam mais fundo; que não se contentem em receber de maneira acrítica os conhecimentos tecnológicos dos demais, mas que se interroguem, busquem a razão de ser dos mesmos, questionem o que lhes é proposto. Um pensador assume um valor decisivo de um todo humano e de todo o cosmos e trata de se aperfeiçoar para presentear a sua colaboração aos demais, o seu esforço de mudança e elevação do ambiente. Ele sonha em construir um mundo mais digno e afável analisando criteriosamente a economia, a política, a sociedade; é preciso ter uma visão específica das teorias do mundo que só um pensador está apta a compor. Um pensador é alguém ao qual todos escutam, todos indagam, todos questionam; uma vez compreendida as intempéries da realidade, se lança decidido a atuar.

Ser pensador é pensar por si mesmo, isto é, não delegar ao outro a exigência de conhecer o “porquê” das coisas e “para quê” da ação. Pensar por si mesmo implica deixar que o outro também pense por si mesmo. Nesse sentido, entra a pedagogia, deixando de ser uma imposição e se tornando democrática. Uma educação democrática deve ser efetivada e não um simples enunciado constitucional que se converta em engodo. Não se pode ficar num direito escrito na constituição. Todos devem ter a possibilidade efetiva de ascender o mais alto nível de educação e cultura. Trata-se de formar uma nova ordem de homens que pensem que produzam cultura. Devemos formar pensadores que criem novos conhecimentos, novas perspectivas de aplicações de conhecimentos anteriores; novos significados, ou seja, pessoas que tenha aptidão para agir em benefício de todos.



CONCLUSÃO

Esperamos que esse trabalho contribua de forma profícua para as discussões em torno das práticas educativas, sobretudo em relação ao ensino de filosofia nas escolas e nos debates contemporâneos sobre a temática. Pode-se dizer que a filosofia é uma ferramenta primordial do despertar intelectual para formação de mentes que possam servir de escape de um sistema que se preocupa apenas com a formação de indivíduos com características limitadas ou específicas. Pelo que nos foi passado pelo rápido e simples estudo dos primeiros filósofos, a busca pelo conteúdo sapiencial se faz necessário para viver uma vida virtuosa e dedicada à “verdade”; embora reconheçamos que o conhecimento é inacabado, nunca alcançaremos o pleno conhecimento das coisas, pois, é dado ao homem a oportunidade de permitir-se saber, para conceder a sua alma o adorno necessário para a contemplação da Verdade em si e como tal. Sendo possível essa expectativa, a filosofia encontrará meios de ultrapassar barreiras tecnocratas e se firmará como objeto essencial de uma construção do saber, e, aliada às práticas pedagógicas, pode proporcionar novos rumos à educação de nosso país.

Formar indivíduos para a vida intelectual e educacional como um todo deve ser prioridade das instituições que se comprometem com a melhoria sociocultural de seu povo. Mecanismos e referências metodológicas podem ser encontradas em grande quantidade hoje em dia, porém, nenhuma ferramenta substitui o professor que pensa, que trabalha de forma crítica sob os diversos pontos de vistas. No mais, há ausência notória no discurso de líderes, mestres e agentes sociais que desejam uma modificação científica e intelectual dos princípios curriculares da educação, mas que ainda não apreenderam a própria existência enquanto sujeitos modificadores de situações, sujeitos transformadores.

Diante das transformações ocorridas na dinâmica da comunicação, da globalização como um todo, vê-se a necessidade de professores pensantes, que saibam agir diante das situações colocadas; e, nesse sentido, a filosofia pode nos ajudar a pensar sobre o lugar que ocupamos no mundo. Agora, é interessante assinalar que esse processo de amadurecimento intelectual não ocorre repentinamente, mas, trata-se de um processo lento e difícil que exige, primeiramente, desejo do indivíduo de mudança; sendo assim, reafirmamos o que vínhamos discutindo: que há uma necessidade de despertar dos diversos sujeitos para a realidade em que vivemos para o enfrentamento dessa realidade, uma vez que o que está posto são relações de poder, em todas as



áreas da sociedade, sobretudo na educacional. E, somente pensando é que poderemos encontrar uma saída para as correntes que nos aprisionam.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CESCON, Everaldo; NODARI, Paulo. **Temas de filosofia e educação**. Caxias do Sul: Educus, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 7. ed. Traduzido por Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LEONTIEV, A.N. & LURIA, A.R. **The psychological ideas of L.S. Vygotsky**. B.B. Wolman (Ed.), Historical roots of contemporary psychology, Harper & Row, New York (1968) LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação / Cipriano Carlos Luckesi**. – São Paulo : Cortez, 1994. – (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor)

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. 2. Ed - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

PLATÃO, Diálogos. **Volumen III: Fedón, Banquete, Fedro**. Páginas 141-142. Biblioteca Clásica Gredos

REALE, Giovanni. **Aristóteles-Metafísica**. São Paulo: Loyola, 2002. 3v.

VALLE, LÍlian do. Aristóteles e a práxis: uma filosofia do movimento. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 37, pp. 15, 2014